

Laís Chaffe - organização



sabor que conta



Instituto
Estadual
do Livro

sabor que conta

Governador do Estado do Rio Grande do Sul
Tarso Genro

Secretário de Estado da Cultura
Assis Brasil

Diretora do Instituto Estadual do Livro
Laís Chaffe

Instituto Estadual do Livro

Rua André Puente, 318 – Porto Alegre/ RS – CEP 90035-150

Fone: (51) 3314.6450/3314.6451

E-mail: iel@sedac.rs.gov.br

Site: www.iel.rs.gov.br

Secretaria de Estado da Cultura do Rio Grande do Sul

Av. Borges de Medeiros, 1501 / 19º andar – CEP 90111-970

Fone: (51) 3288.7501

Site: www.cultura.rs.gov.br

Organização: Laís Chaffe

sabor que conta



Porto Alegre, 2013

Seleção de textos e organização
Laís Chaffe

Apoio editorial
Diego Petrarca

Apoio técnico
Estevão Cogoy, Rogério Dorneles

Capa
Roberto Schmitt-Prym, sobre guache de Ana Alegria, da série Fabulário.

Editoração
Jonas Ferrigolo Melo

Textos *O clube dos anjos* (trecho do livro) e *O come e não engorda* © by Luis Fernando Verissimo.

Textos *Tutuzinho de feijão* e *Do sabor das coisas* © by Elena Quintana.

Os demais textos desta obra estão publicados sob a licença *Creative Commons* Atribuição - Uso Não-Comercial - Vedada a Criação de Obras Derivadas 3.0 (CC BY-NC-ND 3.0). É permitido o seu compartilhamento, desde que seja dado crédito aos criadores. Os textos não podem ser modificados nem utilizados para fins comerciais.

© Direitos desta edição reservados ao Instituto Estadual do Livro

ISBN 978-85-7063-366-8

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Pública do Estado do RS, Brasil)

P552s Philippsen, Adair e outros
. Sabor que conta [e-book]. / Adair Philippsen e outros. _dados eletrônicos. --- Porto Alegre : Instituto Estadual do Livro, 2013.
53 p.
Sistema requerido: Adobe acrobat reader; Mec Daisy
1. Literatura Brasileira - coletânea. 2. Literatura portuguesa. 3. Literatura inglesa.
I. Título.

CDU: 821.134.3(816.5)-34

ÍNDICE

Adair Philippsen	07
Alvaro Posselt	07
Ana Mello	08
Angélica Freitas	09
Armando Trevisan	10
Caio Riter	11
Carlos Leser	11
Celso Gutfreind	12
Cesar Pereira	14
Confúcio	16
Eça de Queirós	16
Everton Behenck	18
Fernando Pessoa	20
Frank Jorge	21
Haydée S. Hostin Lima	21
João Angelo Salvadori	22
John Keats	23
José Eduardo Degrazia	24
José Luís Peixoto	26
José Weis	27

Lau Siqueira	28
Lélia Almeida	29
Leonardo Brasiliense	30
Luis Fernando Verissimo	31
Maria Carpi	32
Mário de Andrade	35
Mario Quintana	38
Marlon de Almeida	39
Mauro Paz	40
Nei Duclós	41
Oliveira Silveira	43
Pedro Stiehl	44
Provérbio chinês	45
Ricardo Mainieri	45
Sandra Santos	46
Sergio Napp	47
Shakespeare	50
Susana Vernieri	50
Walmor Santos	51

BAR BARIDADE

Bar
Dose
Bar

Adair Philippsen

pelo caminho
todo mundo ia
só eu vinho!

Alvaro Posselt

Não precisa de conversa
Tomar vinho já é prosa
e vice-versa

Alvaro Posselt

Como o mundo é pequeno
Ontem me encontrei
com um vinho chileno

Alvaro Posselt

PENDOR

Ela adorava pimenta, e depois do beijo minha boca ficava ardida.
Apreciava o mel e me deixava doce. Gostava de sangue – virei vampiro.
Por amor e gosto.

Ana Mello

INFÂNCIA

bolo de maçã
suco de maracujá
serei adulto amanhã

Ana Mello

SÃO JOÃO

pipoca o coração
no calor da fogueira
beijo – quentão

Ana Mello

CONFETARIA

boca doce de quindim
tua gula
é desejo - só para mim

Ana Mello

dentadura perfeita, ouve-me bem:
não chegarás a lugar algum.
são tomates e cebolas que nos sustentam,
e ervilhas e cenouras, dentadura perfeita.
ah, sim, shakespeare é muito bom,
mas e beterrabas, chicória e agrião?
e arroz, couve e feijão?
dentinhas lindos, o boi que comes
ontem pastava no campo. e te queixaste
que a carne estava dura demais.
dura demais é a vida, dentadura perfeita.
mas come, come tudo que puderes,
e esquece este papo,
e me enfia os talheres.

Angélica Freitas

INCERTEZA

Se tiveres um momento
de incerteza no amor,
recorre ao vinho.

Não o bebas
demasiadamente.

Talvez venhas a perceber
que há entre o amor e a mulher
a mesma distância
que existe entre o vinho e o bebedor.

Armando Trevisan

O ROCHEDO

A rosa e o vinho,
o fogo e o amor
vivem juntos num abraço:

contra eles nada podem
o tempo e o espaço.

Armando Trevisan

BEIJO

Mordo teus lábios de pão,
não pitangas,
não morangos,
não cerejas
de sumo doce:
farinha, água e sal.

Caio Riter

SOMMELIER

Venho
Em busca dos teus lábios tintos,
Do teu beijo
Demi-sec,
De degustar teu corpo líquido
Aveludado,
Delicado.
De sentir
Por toda a noite
O teu perfume
Frutado.

Carlos Leser

ALÉM DO MURO

Sucos frutas águas
E um amor saudável
Mas à noite
enquanto ela dormia
fui à churrascaria
comer carne gorda
dançar com morte
bem agarradinho

Celso Gutfreind

DO ALÍVIO

Deu a primeira pra provar que é homem
E ela pra provar que é mulher
Despacharam o nervosismo
Comeram um chocolate
E entraram na grande delícia

Celso Gutfreind

ROTA DE CURA

Se eu driblar esta ânsia
que é de morte
e conseguir chegar ao restaurante
em que Aninha me espera
tenho certeza que com a comida
(grelhada)
e os ouvidos de Aninha
(atentos)
estou salvo

Celso Gutfreind

OS SENÕES DAS SOLIDÕES

Quando eu era sozinho
toda santa noitinha
eu tentava companhia
com qualquer diaba ou santinha
Certa vez em um cinema,
desta vez era tardinha
sentei junto a uma velhinha
e para estar perto dela
lhe ofereci bala azedinha.
Mas a companhia tem senões
como tem as solidões.
E a desgraçada pegou das vermelhinhas.

Celso Gutfreind

NOSSA É A PALAVRA

Nossa
é a palavra
pala ao vento
plumagem

Semente sem guerra
luz e fruto
sobre a terra

Tempo
sem ogivas
colheita aberta
na seara do riso

Cesar Pereira

PÃO E VINHO

É preciso entender
a dureza da queda
o que está atrás da bala
o que gira além da pedra

As palavras
não salvam
apenas vertem ânsias
posições

Somos filhos do efêmero
traças roendo
o que não nos pertence.

Virá um tempo de entendimento.
Os dias serão nossos
os meses e os anos

Entre o rio e o mar
uma só canção
Se erguerá
sacudindo os ventos

Não mais o extravio
A espada calando a fala
A mesa vazia.

Seremos constelações
água movendo moinhos
amor gerando ninhos
pão e vinho repartidos

Cesar Pereira

Todos os homens se nutrem, mas poucos sabem distinguir os sabores.

Confúcio (551 a.C. – 479 a.C.)

— — — — —

— Meu bom frei Genebro, não sei se é pecado, mas toda esta noite, em verdade vos confesso, me apeteceu comer um pedaço de carne, um pedaço de porco assado... Mas será pecado?

Frei Genebro, com a sua imensa misericórdia, logo o tranquilizou. Pecado? Não, certamente. Aquele que, por tortura, recusa ao seu corpo um contentamento honesto, desagrada ao Senhor! Não ordenava ele aos seus discípulos que comessem as boas coisas da terra? O corpo é servo; e está na vontade divina que as suas forças sejam sustentadas, para que preste ao espírito, seu amo, bom e leal serviço. Quando Frei Silvestre, já tão doentinho, sentira aquele longo desejo de uvas moscatéis, o bom Francisco de Assis logo o conduziu à vinha, e por suas mãos apanhou os melhores cachos, depois de os abençoar para serem mais sumarentos e doces...

— É um pedaço de porco assado que apeteceis? – exclamava risonhamente o bom Frei Genebro, acariciando as mãos transparentes do ermitão. — Pois sossegai, irmão querido, que bem sei como vos contentar!

Trecho do conto *Frei Genebro*, de Eça de Queirós (1845-1900)

— Irmão Egídio, a peça de carne já o Senhor a deu! E eu, em Santa Maria dos Anjos, era bom cozinheiro.

Na horta do ermitão arrancou uma estaca do feijoal, que, com o podão sangrento, aguçou em espeto. Entre duas pedras acendeu uma fogueira. Com zeloso carinho assou a perna do porco. Era tanta a sua caridade que, para dar a Egídio todos os antegostos daquele banquete, raro em terra de mortificação, anunciava com vozes festivas e de boa promessa:

— Já vai aloirando o porquinho, irmão Egídio! A pele já tosta, meu santo!

Entrou enfim na choça triunfalmente, com o assado que fumegava e rescindia, cercado de frescas folhas de alface. Ternamente ajudou a sentar o velho, que tremia e se babava de gula. Arredou das pobres faces maceradas os cabelos que o suor da fraqueza empastara. E, para que o bom Egídio não vexasse com a sua voracidade e tão carnal apetite, ia afirmando, enquanto lhe partia as febras gordas, que também ele comeria regaladamente daquele excelente porco se não tivesse almoçado à farta na Locanda dos Três Caminhos!

Trecho do conto *Frei Genebro*, de Eça de Queirós (1845-1900)

MAIS UMA DOSE

Mais uma dose

Esse gole
É só um jeito

De medir a distância

Cada copo
Um passo

Sem saber se vou ou volto

De onde venho quando
Acordo?

Everton Behenck

Toma esse pedaço
Recém arrancado

Engole
Enquanto está quente

Esse presente aos teus dentes

Esse sorriso vermelho
De joelhos

Aos teus pés

Engole esse pedaço
Mastiga com força

Para que cesse de doer

Sente o gosto
Disposto a te adoçar

Agridoce
Água e sal

Passa tua língua
Firme
No que escorre

Para que nade escape

Toma esse pedaço
Recém arrancado

Da carne mais rara
Da minha palavra

Everton Behenck

DOBRADA À MODA DO PORTO

Um dia, num restaurante, fora do espaço e do tempo,
Serviram-me o amor como dobrada fria.
Disse delicadamente ao missionário da cozinha
Que a preferia quente,
Que a dobrada (e era à moda do Porto) nunca se come fria.

Impacientaram-se comigo.
Nunca se pode ter razão, nem num restaurante.
Não comi, não pedi outra coisa, paguei a conta,
E vim passear para toda a rua.

Quem sabe o que isto quer dizer?
Eu não sei, e foi comigo...

(Sei muito bem que na infância de toda a gente houve um jardim,
Particular ou público, ou do vizinho.
Sei muito bem que brincarmos era o dono dele.
E que a tristeza é de hoje).

Sei isso muitas vezes,
Mas, se eu pedi amor, porque é que me trouxeram
Dobrada à moda do Porto fria?
Não é prato que se possa comer frio,
Mas trouxeram-mo frio.
Não me queixei, mas estava frio,
Nunca se pode comer frio, mas veio frio.

Fernando Pessoa (1888-1935)

Ao invés do vazio existencial um vazio bem passado com farinha.

Frank Jorge

TEMPEROS

Tempero o descrente coração
com o sal poente de azul
com o róseo ácido
e perfumes de manhãs
(alguém ainda vai querer?)

Igual ao verso infantil
guardo o coração no bolso
ponho um sorvete
de morango
para o tempo
lamber devagar

Haydée S. Hostin Lima

um dia
tudo vai ser
como é

agora
que tal
um café

João Angelo Salvadori

GIVE ME WOMEN, WINE, AND SNUFF

Give me women, wine, and snuff
Untill I cry out "hold, enough!"
You may do so sans objection
Till the day of resurrection:
For, bless my beard, they aye shall be
My beloved Trinity.

John Keats (1795-1821)

DEEM-ME MULHERES, VINHOS, VÍCIOS

Deem-me mulheres, vinhos, vícios
Até eu gritar: chega, parem com isso
Podem fazê-lo sem objeção
Até o dia da ressurreição
Pois eles serão pela eternidade
Minha Santíssima Trindade

John Keats (1795-1821)

DAIQUIRI NO EL FLORIDITA

Para Angélica Freitas

Um Hemingway dourado
apoia no balcão a bebida predileta,
e nos convida à alegria musical de Havana.
Bebemos o daiquiri sob o olhar dele,
e mergulhamos no som e no calor da cidade,
como um pescador aprofunda a rede no mar.
Brindamos à vida no El Floridita,
e a bebida gelada esquenta
o coração dos poetas.

É bom estar aqui na luz verde do daiquiri.

José Eduardo Degrazia

NA BODEGUITA DEL MEDIO

A salsa faz dançar os pés e as cadeiras,
e a rumba adoça o rum do mojito
bebido com hierba buena e alegria,
no momento mágico em que a vida
se anuncia plena na cidade de Havana –
viver, pode ser assim, intensidade.

José Eduardo Degrazia

O VINHO À LAREIRA

Crepita na lareira um velho tronco,
e entre fagulhas queima lentamente,
a madeira assovia em verde ronco
enquanto avivo a brasa comburente.

Por trás das portas o Minuano canta
uma canção de inverno e estribilho,
a neve no caminho bem que espanta
o leve passo do último andarilho.

Estrela brilha nesse firmamento
sobre a alta ponta do velho pinheiro,
e a coruja pia em chamamento.

Eu vou abrindo um vinho companheiro,
enquanto ela se despe em movimento
aquecendo suas mãos frias no braseiro.

José Eduardo Degrazia

Tirava a casca aos ovos cozidos e sentia saudades da francesa, escorria o bacalhau e sentia saudades da Libânia, cortava as batatas às rodelas e sentia saudades da vila. Cozinhava bacalhau à Gomes de Sá como se cozinhasse melancolia no forno.

Trecho do romance *Livro*, de José Luís Peixoto

LENITIVO

A gente queria tanto um sítio
bananeiras refletindo a lua
o rio logo ali em frente.
Acabamos num quarto-e-sala
no sétimo andar, em pleno centro.
Nas noites de sábado,
tem licor de maracujá
e leituras de Adélia Prado.
O sítio é onde a gente está.

José Weis

LEMINSKIANO

Palavras na peneira,
sacudia e o poeta sabia;
o que passava era areia
o que ficava era poesia.

José Weis

FIGOS MADUROS

ai de mim
com essa figueira crescendo dentro
sem saber direito o momento da poda ou da colheita

ai de mim
que não entendo de árvores que não compreendo
direito o que elas dizem o que fazem como agem na hora
do corte e depois na transcendência das
figueiras

nem sei se a casca
grossa no caule leitoso
com o tempo terá uma
fibra impermeável

ai de mim
que percorro a mansidão invisível
como um galo cumprindo o ofício
das manhãs

Lau Siqueira

As pessoas vinham cumprimentar Dona Moissi em diferentes horários do dia, os que vinham de longe, da Linha Formosa, Balsanova ou Lindoeste, vinham cedo para poder voltar cedo também, e quem morava mais perto do centro da cidade podia vir para o chá da tarde.

Os preparativos para o aniversário começavam alguns dias antes, com a preparação das frutas para as cucas que eram feitas com receitas antigas e secretas e que, um dia antes, estavam prontas, estendidas numa bancada enorme no jardim à espera que os convivas as devorassem.

Foram as cucas mais deliciosas que Duzília Flores comeu na cidade, e anos de convivência não foram suficientes para que ela convencesse Dona Moissi a lhe dar as receitas, ela enrolava, dizia que amanhã, que não sei quando e Duzília Flores nunca pôde colocar as mãos naquele segredo que eram as delícias que Dona Moissi fazia.

A casa era limpa para a festa de aniversário, com pompa e circunstância, os pesados colchões de mola das enormes camas eram vistos cedo no jardim para tomar sol. Os edredons e travesseiros de pena de ganso, tudo da casa era posto no jardim e Dona Moissi fazia a sua grande faxina anual, munida de baldes velhos de alumínio, vassouras de palha e escovões.

A casa, mesmo velha e precisando de muitas reformas, ficava um brinco, ela então queimava alfazema e fazia suas abluções aos espíritos domésticos para receber as suas amigas. Era uma farra. Era uma farra aquela quantidade de cucas de frutas, de uva, laranja, coco, mamão, de açúcar, e aquelas mulheres, como gralhas, ao redor dela e da comilança. E tomavam chá de casca de laranja em xícaras e bules que eram peças soltas, de vários tamanhos, cores e desenhos, remanescentes de muitos aparelhos que já não existiam mais. Cada peça daquelas lembrava épocas diferentes e passadas, eram, na verdade, sobras das várias vidas, umas fartas, outras precárias, que Dona Moissi tivera com seus diferentes maridos.

Trecho do romance *O amante alemão*, de Lélia Almeida

BOMBONS

No fora que levou da primeira paixão, cada lágrima era consolada com uma caixa de bombom. Depois foram muitos outros foras e muitas, muitas caixas de bombom. Da primeira paixão ela já nem se lembra, é passado. A primeira paixão sempre passa. A obesidade ficou.

Leonardo Brasiliense

QUESTÃO DE DOSE

Na primeira, me senti menos tímido. Na segunda já estava bem mais esperto, e na quinta me achava até bonitão. Daí na oitava dose conheci o amor verdadeiro: maior gata: superdesinibida, papo inteligente e linda, linda de morrer...

Leonardo Brasiliense

Não é todo dia que se quer ouvir uma crocante fuga de Bach, mas todos os dias se quer comer. A fome é o único desejo recorrente, pois a visão acaba, a audição acaba, o sexo acaba, o poder acaba – mas a fome continua.

Trecho de *O clube dos anjos*, de Luis Fernando Verissimo

Não é por nada que partilhar da comida com o próximo tem sido um símbolo de concórdia desde as primeiras cavernas. Até hoje as conferências de paz se fazem em volta de uma mesa onde a comida, se não está presente, está implícita. Desconfie do enfiado. Ele será um agente de outra galáxia ou um poço de perversões, ou as duas coisas. De qualquer maneira, mantenha-o longe das crianças. Quando encontrar alguém na frente de um prato cheio só emparelhando as ervilhas com a ponta da faca, notifique os órgãos de segurança. É um enfiado e pode ser perigoso. Sempre achei que as pessoas que comem como um passarinho deviam ser caçadas a bodego.

Trecho da crônica *O come e não engorda*,
de Luis Fernando Verissimo

OS PÃES

I

Puxei minha mãe pelas narinas
a dar-me a chave da casa desfeita

e invadida de heras. Minha mãe,
atemporal, quer atravessar as

salas aos quintais de laranjas
umbrosas e novamente jogar

a roldana com seu balde. Minha
mãe comigo destrança o perecido

e estende o viço em todo olvido.
E talvez queira a essa hora alvar,

acender o fogo para o assar
dos pães que de fome, mais sabe

a alma do que o fastio do corpo.

II

Os pães nunca se os
cozem à noitinha. É

com o ar recém amanhecido,
com as mãos larvadas

de luz. Com os olhos saídos
dos sonhos mornos e a

boca selada apetecida.
Mas o fogo sim, quer-se

adentrado, que os pães
nunca se os cozem em fogo

iniciado. É no fogo derradeiro,
aquele que transferiu-se,

extinto, aos tijolos abrasados.

III

Eu sou filha do interior
onde os pães não levedam

com acúmulos do acaso,
mas artesanal virtude

desde a luz do trigo
à luz da fome. Onde a

farinha e a água estão
à flor da pele. Onde não

é o grão que se prepara
para a boca, mas a boca

que amadurece para o grão.
O trigo dali não sobe,

mas desce-entre-nós.
O pão dali não apenas

sustenta, mas profere
a palavra que dorme

na apetência. O pão escuta.

Maria Carpi

Não, não se convidava ninguém, era um peru pra nós, cinco pessoas. E havia de ser com duas farofas, a gorda com os miúdos, e a seca, douradinha, com bastante manteiga. Queria o papo recheado só com a farofa gorda, em que havíamos de ajuntar ameixa preta, nozes e um cálice de xerez, como aprendera na casa da Rose, muito minha companheira. Está claro que omiti onde aprendera a receita, mas todos desconfiaram. E ficaram logo naquele ar de incenso assoprado, se não seria tentação do Dianho aproveitar receita tão gostosa. E cerveja bem gelada, eu garantia quase gritando. É certo que com meus "gostos", já bastante afinados fora do lar, pensei primeiro num vinho bom, completamente francês. Mas a ternura por mamãe venceu o doido, mamãe adorava cerveja.

Trecho do conto *O peru de Natal*, de Mário de Andrade (1893-1945)

E depois de uma Missa do Galo bem mal rezada, se deu o nosso mais maravilhoso Natal. Fora engraçado: assim que me lembrara de que finalmente ia fazer mamãe comer peru, não fizera outra coisa aqueles dias que pensar nela, sentir ternura por ela, amar minha velhinha adorada. E meus manos também, estavam no mesmo ritmo violento de amor, todos dominados pela felicidade nova que o peru vinha imprimindo na família. De modo que, ainda disfarçando as coisas, deixei muito sossegado que mamãe cortasse todo o peito do peru. Um momento, aliás, ela parou, feito fatias um dos lados do peito da ave, não resistindo àquelas leis de economia que sempre a tinham entorpecido numa quase pobreza sem razão.

— Não senhora, corte inteiro! Só eu como tudo isso!

Era mentira. O amor familiar estava por tal forma incandescente em mim, que até era capaz de comer pouco, sópra que os outros quatro comessem demais. E o diapasão dos outros era o mesmo. Aquele peru comido a sós, redescobria em cada um o que a quotidianidade abafara por completo, amor, paixão de mãe, paixão de filhos. Deus me perdoe mas estou pensando em Jesus... Naquela casa de burgueses bem modestos, estava se realizando um milagre digno do Natal de um Deus.

Trecho do conto *O peru de Natal*, de Mário de Andrade (1893-1945)

Minha mãe, minha tia, nós, todos alagados de felicidade. Ia escrever “felicidade gustativa”, mas não era só isso não. Era uma felicidade maiúscula, um amor de todos, um esquecimento de outros parentescos distraidores do grande amor familiar. E foi, sei que foi aquele primeiro peru comido no recesso da família, o início de um amor novo, reacomodado, mais completo, mais rico e inventivo, mais complacente e cuidadoso de si. Nasceu de então uma felicidade familiar pra nós que, não sou exclusivista, alguns a terão assim grande, porém mais intensa que a nossa me é impossível conceber.

Trecho do conto *O peru de Natal*, de Mário de Andrade (1893-1945)

DO SABOR DAS COISAS

Por mais raro que seja, ou mais antigo,
Só um vinho é deveras excelente
Aquele que tu bebes, docemente,
Com teu mais velho e silencioso amigo.

TUTUZINHO DE FEIJÃO

Mario Quintana (1906-1994)

Ai o meu brotinho preto
Tutuzinho de feijão
Com pimenta pra chuchu
Remexido como quê!
Quem me deixa desse jeito
Desse jeito
Batucando o coração?
Tu, tu, tu,
Tutuzinho de feijão!
Quem tem a boca rasgada?
Os óio que é um patacão?
O que é que é bem pretinho
Bem pretinho
Quentinho como um fogão?
Tu, tu, tu,
Tutuzinho de feijão!
Ai o meu brotinho preto
Não me deixa assim na mão...
Tu, tu, tu,
Tutuzinho de feijão!

Mario Quintana (1906-1994)

ARTESÃO

Talhar a carne como se
o verso no espeto de ferro.

Girá-la conforme
a palavra se dobre.

São duas,
a palavra e a carne.

Cozer, não de súbita
cava, mas calma

até que se forje na brasa
não mais do que uma,

palavracarne.

Marlon de Almeida

Os pedaços de cebola chiavam refogados. Marisa despejou os cubos de carne na panela. Cinco minutos durou a luta para abrir o vidro de cogumelos, tarefa que o marido realizava em segundos. Paulo tinha braços fortes. Nunca se dedicara a esportes, porém a alça da pasta de couro e a máquina de cortar grama, aos finais de semana, torneavam seus antebraços, sempre à mostra pelas mangas arregaçadas. Marisa despejou uma xícara de arroz na panela e levou ao fogo. A medida de uma xícara de arroz também era resquício dos tempos de Paulo. Exata porção para o casal. Enquanto o arroz fritava, encheu o primeiro copo d'água. Um outro sucedeu. Na panela ao lado, a carne frita. Acrescentou o molho de tomate e mexeu.

Trecho do conto *Condicional*, de Mauro Paz

RECEITA

Esgarça a sarça o dorso o freio
Esfrega a massa a carpa o merlo

Esfola, enfurna, estraga, estiola
O peixe a carne o sal farelo

Atiça a lixa a mesa o berro
Invoca atrai espicha estressa

O caldo o lenho o alho o relho
Repassa cacifa chuleia fumega

Leva serve recolhe recobre
A morsa o cervo o milho o joio

Intriga entrega retoma o sorgo
A soja a cana o capim o brejo

A sopa o suco a sola o sorvo
O copo o prato a toalha o trapo

O peito a asa a crista o galo
A pata o bucho a raiz o caule

O papel o pano a colher o encargo
O dedo o cheiro a trança o verbo

O resto a pia a pilha a trempe
A esponja a língua o pelo o seio

A sesta o sono a fresta o jogo
A chuva a tarde o trovão o raio

O olho a tromba o manto a febre
O soco o sopro o sonho o beijo

Nei Duclós

I
O canto é uma fome, como a infância

II
O dia é a sabedoria do sol
E cada amanhecer tem uma voz

No escuro existem coisas
Que não dormem

III
Cresci como nunca
Em carne, ossos e loucura
E continuarei a crescer, sem dono
E milagrosamente, como as plantas

Nei Duclós

Ao Brasil tenho um recado:
Estou vivo, entornando o caldo
Na mesa comum
Com as mãos em brasa

Dentro da noite
Escuto a charanga da ressurreição,
Do parto

Nei Duclós

NUM PONTO QUALQUER

Tudo está pronto, à espera:
a casa limpa, a mesa posta.
E assim, tranquilamente,
num ponto qualquer da campanha
o pastor come nuvem
e o gado come feno.

Tudo está pronto, à espera:
a casa limpa, a mesa posta.
E assim, tranquilamente
num ponto qualquer da vida
cresce paciente a grama verde
e a criança cresce esperançosa.

Tudo está pronto, à espera:
a cada limpa, a mesa posta.
Enquanto, inquietamente,
num ponto qualquer do planeta
a bomba rumina seu tic-tac
querendo crescer também.

Oliveira Silveira (1941-2009)

CANÇÃO DO INVERNO

Acomodo a vida numa cadeira em frente ao fogão
hiberno ao seu balanço
a bagagem abraçada ao colo.
O inverno é meu refúgio e exílio.
O frio entrou por onde tu saíste.
O vinho é meu melhor cobertor.
Labaredas escapam
por uma fresta na noite.
Será um amanhã ou não será?
Fazes-me falta.
O pedaço de mim que fraquejou
e foi ser tua sombra
é minha melhor lenha.
Se puderes, devolva-me
e eu queimo.

Pedro Stiehl

A conversa não cozinha o arroz.

Provérbio Chinês

SOB O SIGNO DE BACO

Há de vir
um adivinho

que leia a minha alma

e brinde à poesia
com um cálice de vinho.

Ricardo Mainieri

EROS & BACO

o sol dourou os cachos
na videira

da fina casta
fermentou-se o sumo

extraiu-se o néctar

sensível delicadeza
que tenho sobre a mesa

apenas nós dois

e um mergulho sereno
num abismo de prazeres.

Ricardo Mainieri

de pão e amado
teus dedos fartos

argamassa de ovos
trama de cestas

na tela a varejeira
ronda a carne seca

Sandra Santos

camélias
despudoradas em seu perfume
repousam ao redor da casa
feito náufragos
abertas aos olhos extasiados
dos habitantes

arroz-de-leite
leve camada de canela
em taças de vidro comum
salivando o desejo
suspiros de prazer
a vida

a morte não é vermelha
a morte não pulsa
a morte não se banha de sol
a morte não extasia
a morte não se adoça em canela
a morte não saliva

a morte é

Sergio Napp

quem sabe debulhas o trigo
pelas manhãs?
quem sabe lanças o milho
sobre a terra
para que venham comê-lo
as aves e os pardais, mãe?
quem sabe sovas o mate
na expectativa de que a vida
possa ser?

quem sabe antecipas
o que não se conhece
e celebra o voo do bem-te-vi

há um mar imaginário em teus olhos
e um barco que te carrega

não te importas em desvendar os
mistérios
a palidez que te cabe te serve de véu

colocar a mesa é cerimônia diária
que te consome as forças

cultivas a solitude
os dobres
as canções que não cantas

depositas flores no vaso
como se fosse a urna de quem partiu

és a mesma, embora diferente
e nada que se move te abala

o mundo foi feito por quem
desconhece a natureza humana

Sergio Napp

as primas com seus arroubos
inventam a primavera

as primas são duas
mas podem ser várias
em tantas que se desenham

riem alto
tingem-se de mistérios
enraízam dentes nas bergamotas
inventam códigos

ninguém descobre
quem é uma e quem é outra
todas são a mesma
e a mesma é nenhuma

uma deita, a outra levanta
uma some, a outra a aparece
uma desatina, a outra tranquiliza
uma é só alegrias
a outra se extingue na saudade

fecham-se em armários
para que ninguém as descubra
vestem-se de incertezas
passeiam em cavalos de sonhos

as primas são olhos
bocas
peitos
coxas

desandam em canções
bailam redemoinhos
e de repente somem

ah, as primas

serão elas o mel
que atíça as abelhas?

Sergio Napp

É um péssimo cozinheiro aquele que não pode lambar os próprios dedos.

Shakespeare (1564 - 1616)

— — — — —

MINHA MÃE

Minha mãe faz doces
como quem tira amargura
do peito
e transforma em amor o fel.

Mel mata a dor que me envolve,
o revólver que ameaça meus dias,
as lágrimas que embaralham
meus olhos.

Minha mãe conta histórias
enquanto bate o bolo, enquanto
o bolo assa,
enquanto a vida passa.

Susana Vernieri

A noite cai com leveza
amigos
são anjos caídos à mesa

Walmor Santos

Laís Chaffe - organização



sabor que conta


Instituto
Estadual
do Livro

Os poemas e textos deste livro estão no domínio público ou foram liberados por seus autores, por meio de licença *Creative Commons*:

Atribuição - Uso Não Comercial - Não a Obras Derivadas (by-nc-nd)

Muitas vezes chamada de “propaganda grátis”, essa licença permite que outras pessoas (re)distribuem as obras licenciadas e as compartilhem, desde que mencionem o autor, mas sem poder modificar a obra de nenhuma forma, nem utilizá-la para fins comerciais.

SABOR QUE CONTA

Uma coletânea de poemas e trechos literários
sobre comer, beber, viver.

Seleção de textos e organização: Laís Chaffe

Realização do Instituto Estadual do Livro,
órgão da Secretaria de Estado da Cultura
do Rio Grande do Sul (Sedac).